

UM AMERICANO NA METRÓPOLE LATINO-AMERICANA: RICHARD MORSE E A HISTÓRIA URBANA DE SÃO PAULO (1940 E 1970)

An American In The Latin American Metropolis: Richard Morse And The Urban History Of São Paulo (1940 - 1970)

Ana Claudia Scaglione Veiga de Castro

Escola da Cidade - FAU USP

anacvcastro@gmail.com

Resumo

O artigo analisa as duas edições da obra do historiador norte-americano Richard Morse sobre São Paulo – *De comunidade à metrópole*, publicado em 1954 e *Formação histórica de São Paulo*, lançado em 1970 – buscando mostrar como no período entre as duas edições um pensamento latino-americano sobre as cidades pode se constituir. Pretende-se ler a obra de Morse em diálogo com esse debate, discutindo as transformações do texto e a trajetória do autor entre os quase vinte anos que separam as duas edições, lançando luz na constituição e consolidação do campo dos estudos urbanos no continente.

Palavras-chave

História urbana, historiografia, São Paulo, Richard Morse, América Latina, urbanização

Abstract

The paper analyzes the two editions of the work of the American historian Richard Morse on São Paulo – De comunidade à metrópole, published in 1954 and Formação-histórica de São Paulo, published in 1970 – attempts to show how the period between these editions a Latin American thought on cities can be built. The goal is read the work of Morse in dialogue with this debate, discussing the changes in the text and the biography of the author among the nearly twenty years that separate the two books, shedding light on the formation and consolidation of the field of urban studies on the continent.

Key-words

Urban History, Historiography, São Paulo, Richard Morse, Latin America, urbanization.

Quando em 1954 o historiador Richard Morse publicou a primeira edição de seu livro clássico sobre São Paulo, *De comunidade à metrópole: a biografia de São Paulo, a capital paulista*, em pleno processo de metropolização, aparecia ali como uma espécie de exceção na América Latina, apresentando problemas típicos de uma sociedade industrial, ou em vias de industrialização. Entretanto, como não se transformara *ainda* numa “selva de asfalto”, seria possível tomar-se um rumo distinto do dos países centrais, escapando da desagregação que o mundo moderno parecia impor às cidades. Nas palavras de Morse,

o observador casual não tem em São Paulo a impressão desoladora de sujeira, fuligem e opressão que a maioria das cidades industriais do hemisfério norte oferece. Há em São Paulo edifícios altos, porém não a maciça e implacável aglomeração de humanidade, nem as densas, hediondas, desumanas selvas de tijolo e aço que caracterizam o industrialismo tacanho dos países protestantes. São Paulo expandiu-se radialmente num surto de indisciplinada energia. Indústrias e residências espalham-se ao acaso – até atingirem cidades maiores das redondezas, usando prodigamente o espaço. [...] Por toda a cidade aparecem frequente e inesperadamente trechos abertos de terrenos. Tem-se em São Paulo pelo menos a impressão visual que a cidade é construída sobre terra, que está localizada num ambiente geográfico; São Paulo não é – para usar a expressão de um romancista popular norte-americano – uma “selva de asfalto”. (MORSE, 1954, p.236)

O autor destacava peculiaridades locais, como por exemplo no caso dos cortiços, onde a falta de ordem e higiene poderia ser atribuída à pobreza, mas era vista também como um “fenômeno mental” que incluía “uma irresistível compulsão a viver [por parte daquela população pobre], seja em que condições forem, perto da excitação, do movimento e das luzes do centro urbano e suas principais artérias”, dificultando o surgimento de casas em melhores condições nos subúrbios (MORSE, 1954,p.238). Para ele, se isso não fosse levado em conta ao se pensar as novas habitações, o problema habitacional não seria facilmente resolvido, pois demandava a reeducação da população e uma verdadeira transformação das formas de vida. Morse não deixaria de destacar os ensinamentos que estariam contidos na própria organização social daquela habitação: a considerável “solidariedade social” que se verificava nos cortiços, a despeito das brigas e intrigas, mostrava que os que lá nasceram e viveram foram capazes de desenvolver “a sociabilidade e os hábitos de auxílio mútuo e experiência compartilhada” que se espera dos que vivem em comunidade. Desse modo, o cortiço retinha, “conquanto forma degenerada, certos aspectos de ‘vizinhança’ pré-industrial e suas relações face-a-face” e isso deveria ser preservado na metrópole industrial que se constituía (pp.236-9).

Ainda que Morse reconhecesse no sociólogo Robert Redfield seu principal interlocutor¹, ele não pretendia seguir o duro esquematismo proposto na teoria do *continuum folk-urbano*, que lia os agrupamentos humanos a partir de conceitos definidos *a priori*, para encaixar a evolução urbana de São Paulo nas categorias de *folk*, rural ou urbano, “termos demasiado amplos e vagos para serem usados em outro sentido além do sentido neutro” (MORSE, 1954,p.217)². Para ele, “assim como não é inevitavelmente com êxito que a comunidade agrária cumpr[a] os termos de sua existência, não é inevitavelmente necessário que a metrópole falhe no seu destino” (p.216-8), destacando a mescla entre ambas as ordens, a comunitária e a societária, que parecia conviver na cidade naqueles anos.

Na moderna cidade de São Paulo, é certo, o clima de vida ainda está impregnado – talvez mais do que nunca antes – de secularismo e de oportunismo amorais, de relações humanas transitórias, parciais, individualizadas; da necessidade neurótica de poder, prestígio e posse; em suma, do *ethos* da “anomia” de Émile Durkheim. (MORSE, 1954, p. 217)

Entretanto, o que ele “via” em São Paulo parecia induzi-lo a uma conclusão distinta, já que haveria também

indícios significativos de que novas maneiras de compreensão, planejamento e integração estão sendo apreendidas. Isto se reflete às vezes na visão atingida pelo poeta, pelo compositor ou pelo pintor. Às vezes se concretiza nos projetos ou nas realizações do arquiteto ou do planejador urbano. Outras vezes se afirma de modo amplo e anônimo na atitude ou na orientação de certo grupo, burocracia ou empreendimento. (MORSE, 1954, p. 217)

Os pesquisadores da Escola de Chicago, Redfield em particular, acabavam por destacar apenas o lado negativo deste processo, por impor a vida urbana a setores que tragados pelo fluxo da modernização não dariam conta – mental e efetivamente – de se adaptarem à nova situação. Morse, ao observar São Paulo, era levado a destacar algo distinto (e mais otimista, deve-se dizer) que a sociologia clássica parecia entrever, a-

¹ Na edição de 1970, Morse afirmara que quando de sua pesquisa na década de 1940, suas “inclinações eram mais humanísticas e literárias do que científicas” e que as “noções que possuía acerca das sociedades urbanas derivavam provavelmente de Lewis Mumford e Robert Redfield” (MORSE, 1970, p.19).

²Redfield trabalhava a partir da clássica polaridade comunidade-sociedade, preconizando como a partir do contato prolongado com a civilização urbana, as transformações de uma “sociedade rústica ou primitiva” ocorriam sempre no sentido do “folk” para o “urbano”, ou do tradicional para o moderno, por meio da assimilação da primeira pela segunda. Seu principal livro é *The Folk Culture of Yucatan*, de 1941, traduzido como *Civilização e cultura de folk: estudo de variações culturais em Yucatánem* 1946.

proximando-se da perspectiva do antropólogo Oscar Lewis acerca das *vecindades* mexicanas (LEWIS, 1952).

Lewis revisitara os primeiros temas da Escola de Chicago para criar uma teoria nova para os países da América Latina em vias de modernização, elaborando o conceito de "cultura da pobreza", de larga apropriação naqueles países dali em diante³. Para Lewis, vivendo em cortiços – entendidos como comunidades relativamente isoladas dentro da cidade grande – os vínculos e mesmo as tradições daquela população recém chegada na cidade eram repostos, numa espécie de defesa para garantir sua sobrevivência frente à nova e desfavorável situação.

Morse justamente defendia que atitudes mentais e formas de estrutura social não podiam ser impostas de fora para dentro. Portanto, não seria por meio de legislação que a "ética capitalista" seria introduzida e incorporada por aqui (MORSE, 1954, pp.239-41). Havia que se pensar soluções geradas por dentro dos problemas, a partir de cada cultura, e não se poderia impô-las como melhor "em absoluto". O que ele supunha é que, chegado o momento, a partir digamos da própria "evolução interna" daquela sociedade, a ética capitalista surgiria na sociedade brasileira (ao menos paulista), impondo-se entretanto de modo original, sem necessariamente seguir os modelos europeu e norte-americano. A questão era antes de transformação da mentalidade que de imposição da ordem e que só seria alcançado pela transformação das referências culturais. No entanto, para ele, a questão principal era saber o quanto se *queria* e o quanto se *deveria* transformar. Ligando as diferenças em relação às sociedades dos países centrais à conservação de "certas atitudes de natureza católico-agrária", Morse notava que esse "*ethos* residual esta[va] em desacordo com muitos modos de organização importados de fora", para em seguida lembrar como se estava vivendo naquelas mesmas sociedades a busca dos ideais comunitários, do "*ethos* da comunidade face-a-face"⁴. Desse modo, na medida em que a comunidade paulista ainda possuía – mesmo que "de forma casual e desarticulada" – as qualidades humanas que desapareceram daqueles lugares e que agora eram "tão diligentemente procuradas", era o caso de se perguntar ou de se sugerir que

³Lewis sublinhava o etnocentrismo de teses que se baseavam em conceitos de Simmel, Tönnies, Durkheim e outros, e buscava formular categorias de análise mais pertinentes à situação analisada. Ao deslocar o foco para as condições de partida, observando-as do ponto de vista histórico, econômico, social e cultural, mostrava que não haveria um processo de urbanização universal ou único.

⁴Discussão fundamental do segundo pós-Guerra, como se sabe, e que no campo da arquitetura e urbanismo tem desdobramentos muito significativos, notadamente de crítica ao movimento moderno até então hegemônico.

o 'êxito' e a 'eficiência' da indústria paulistana do futuro [fossem] determinados *não por índices abstratos* de produção mas pela medida em que essa indústria desse lugar a *uma configuração fiel às tradições regionais e socioculturais* [...] [fazendo de São Paulo] *um exemplo para o mundo* (MORSE, 1954, pp.249-51, grifos meus).

Essa, a perspectiva que parece intrigá-lo naqueles anos 1950 – a possibilidade de uma metrópole-comunidade que surgia em São Paulo. Mas de que modo Richard Morse encarou a cidade quase duas décadas depois, quando não parecia haver mais dúvidas sobre o resultado da modernização?

Quando seu livro foi reeditado em 1970, agora com o título pelo qual ele seria mais conhecido, *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole*, não se podia apenas continuar destacando os efeitos positivos da urbanização, ou esperando que etapas se cumprissem. Nessa edição, publicada na Coleção Corpo e Alma do Brasil dirigida por Fernando Henrique Cardoso, Morse então radicalizaria a possibilidade de se pensar uma modernização alternativa a partir da origem ibérica e católica que definia aquela sociedade. Tomando São Paulo como uma “metrópole latino-americana”, parte de um largo episódio da modernidade no Novo Mundo, generalizava a importância do reconhecimento da herança ibérica e do lugar da cultura ibero-americana no mundo ocidental como forma de pensar essa *outra* modernidade. O que nos anos 1950 aparecia anunciado, mas muitas vezes de forma ambígua, em 1970 se ampliava e se confirmava.

Morse reescreve ali a Introdução e acrescenta um capítulo inicial e um final⁵. Nestes textos, escritos quase duas décadas depois – duas décadas de importantes transformações das cidades e de agudização dos problemas urbanos, sobretudo na periferia do sistema –, o intelectual retoma o passado colonial e insere a história da capital paulista na tradição ibérica, descolando-a assim da leitura da São Paulo *yankee*, ou, talvez, reforçando a necessidade de entendê-la como parte de uma tradição para verdadeiramente compreendê-la como metrópole industrial – porém, na sua especificidade latino-americana, enquanto uma *metrópole latino-americana*. Dito de outro modo, Morse reafirmava a importância do *ethos* ibérico e católico como forma de resistir a um desenvolvimento capitalista que parecia prever um lugar muito definido para os países periféricos. Ao incluir a história da cidade numa perspectiva ampliada da história da colonização ibérica por um lado, e na história da evolução urbana latino-americana, por outro – ambas parte da modernização ocidental – Morse revia o foco de sua tese, apre-

⁵ Introdução (pp.7-24); Capítulo 1 Antecedentes (pp. 27-55) e Capítulo 22 Ecologia, Sociedade e Cultura: reconsideração de alguns temas, 1968 (pp.379-417). MORSE, 1970.

sentando a história da cidade de São Paulo e a sua cultura urbana como paradigmática de uma *outra* modernização.

Compreender como essa transformação de perspectiva se deu é o objetivo dessa comunicação. Para tanto, é necessário dar atenção ao que ocorre entre as duas edições brasileiras, e por meio da própria trajetória do autor examinar como um campo de estudos urbanos latino-americanos se firmou.

1. Da exceção ao padrão: a metrópole latino-americana

Entre as duas edições em português, Richard Morse se estabeleceu como um historiador urbano, cujo interesse recaía sobre as cidades latino-americanas. Após concluir em 1952 a tese "São Paulo under the empire" (MORSE, 1952), texto que deu origem ao livro, Morse, ainda como professor assistente na Universidade de Columbia, a edita em português, incorporando no livro um capítulo sobre a "metrópole", cujas ideias ele esboçara numa série de artigos publicados durante aqueles anos⁶. Mas ao se tornar professor associado do Departamento de História em Yale em 1962, dirigindo a cadeira de História da América Latina, Morse passa a falar de um lugar privilegiado – justamente durante o *boom* dos estudos de área –, indo na contramão da especialização prevista neles. Concentrado no estudo das cidades, o historiador passaria a publicar artigos e ensaios que se pretendiam balanços e estados da questão, além de resenhas e revisões sobre a urbanização latino-americana e sua historiografia. Com isso, afastava-se de um possível "brasilianismo" e de qualquer sombra de "especialização" que a tese sobre São Paulo pudesse lhe fazer.

Em sua atividade docente, Morse concentrou a maioria de seus cursos desses anos na história das cidades: *Study of the City*; *Introduction to the Study of the City*; *Latin American Urban History*; *Urban History of Colonial Latin American*; *Urban History and Colonial Latin American Studies*; *Studies in Latin American Urban History* foram alguns deles⁷. Pelas ementas e bibliografias sugeridas pode-se notar sua vontade de traçar panoramas e visões de longo alcance sobre a temática estudada – decorrente de sua abordagem ampliada sobre a história de São Paulo – também no trabalho em sala de aula⁸. Nesse período, Morse exerceria cargos e funções fundamentais para a sedimentação do campo dos estudos latino-americanos na América: *Charmain do Latin*

⁶Os artigos "Brazilian Modernism", *The Hudson Review* (1950); "Sao Paulo in the 19th Century: Economic Roots of the Metropolis", *Inter-American Economic Affairs* (1951); "The Negro in Sao Paulo, Brazil", *The Journal of Negro History* (1953); "Sao Paulo since Independence: A Cultural Interpretation", *The Hispanic American Historical Review*, (1954), seriam a base do capítulo 4 em 1954, texto que não fazia parte da tese de 1952.

⁷Series III, Box 7 - Folders 11-16, RMM Papers, M&AL, YU.

⁸ Por motivos de espaço, não posso explorar aqui esse material.

American Studies de Yale, membro do Conselho editorial da American Association of University Press e do American Foreign Interchange Program, dos comitês de organização do Foreign Area Fellowship Program e do Latin American Teaching Fellowships, bem como do Fellowship for Graduate Study Abroad do International Office de Yale, participando ainda da criação da Latin American Studies Association⁹. Ao mesmo tempo, participou ativamente dos congressos, seminários, encontros e programas que tinham a história urbana como tema, consolidando seu lugar na cena latino-americana, que a essa altura ganhava proeminência também como campo de trabalho para os planejadores e técnicos norte-americanos (GOODWIN, HAMILL & STAVE, 1976 e GORELIK, 2005, pp.111-33). Certamente parte de sua proeminência nesse campo se deveu ao fato dele atuar nos Estados Unidos, ocupando postos que lhe possibilitavam manejar as disputas dentro do mesmo.

Note-se ainda que sua atividade acadêmica nesse período se estendeu à construção de fóruns de debates e redes de pesquisa latino-americanos. Junto ao argentino Jorge Enrique Hardoy, do *Centro de Estudios Urbanos y Regionales* do Instituto Torcuatodi Tella, e ao norte-americano Richard Schaedell, do Departamento de Antropologia da Universidade do Texas, Morse seria um dos principais incentivadores dos congressos bianuais sobre as cidades realizados durante os Congressos Internacionais de Americanistas, começando em 1966 em Mar del Plata, seguindo em 1968 em Stuttgart e em Lima em 1970. Nas décadas seguintes, ele editaria inúmeras obras para a compreensão da história das cidades na América Latina, contribuindo de modo definitivo para a consolidação dos estudos urbanos no continente. Entre essas obras se destacam *La investigación urbana latinoamericana: tendencias y planteos* (1971); *The Urban Development of Latin America 1750-1920* (1971); *Las ciudades latinoamericanas* (1973); *Ensayos histórico-sociales sobre La urbanización em America Latina* (1978), com Hardoy e Schaedel; e, no final da década de 1980, *Nuevas perspectivas em los estudios sobre historia urbana de Latino america* (1989), co-organizado com Hardoy.

Por meio dessa atuação, Morse parecia revisar um debate que ele mesmo ajudava a criar, mas mais que isso, um tema – “a cidade latino-americana” – que figurou como um dos mais profícuos tópicos de pesquisa naquele período¹⁰. O historiador valia-se de São Paulo para entrar nesse debate, e se pode dizer que a partir de sua primeira

⁹Series III, Box 6/Folder 13; B5/F1; B5/F6; B6/F18; B6/F18; B6/F28, RMM Papers, M&AL, YU.

¹⁰Para uma revisão da “cidade latino-americana” como categoria dos estudos urbanos e sociais, cf. GORELIK, 2005.

pesquisa monográfica feita ainda nos anos 1940¹¹, ele passou a pensar a América Latina a partir de um caso específico que acabaria tornando-se matéria de uma compreensão mais geral do problema em foco. Morse transformava um interesse difuso pela cultura latino-americana que se iniciara ainda na sua graduação em um produtivo campo de trabalho, não apenas para si mas para uma nova leva de pesquisadores, arquitetos, urbanistas, historiadores e cientistas sociais que se preocupavam com aquelas cidades. Desde a publicação de seu livro em 1954, Morse passaria a olhar dali em diante para “as cidades” buscando compreender por meio da urbanização e da história delas a própria cultura latino-americana, ou a “civilização” latino-americana¹². Essa tendência revela-se nos títulos dos artigos que publicou no período: “Latin American Cities: Aspects of Function and Structure” (1962); “Cultural Differences and Inter-American Relations”(1964); “The Strange Career of ‘Latin-American Studies’” (1964); “Crosscurrents in New World History” (1964); “Negro-White Relations in Latin America” (1964); “Recent Research on Latin American Urbanization: A Selective Survey with Commentary” (1965); para citar aqui apenas alguns. Como já apontou Adrián Gorelik, a partir de seu estudo pioneiro sobre São Paulo Morse se tornaria “um comentarista crítico incansável, organizador de fontes e de estados da questão, construtor do novo campo [urbano] em todas as frentes”, passando a defender a necessidade de se criar marcos conceituais próprios e não apenas definindo problemas e temas (GORELIK, 2002, p.42).

Sua principal hipótese – que o norte-americano esboça inicialmente em 1957 e que parece ser retomada e rearticulada a cada novo texto – é o que o informa em sua nova apresentação à edição de 1970: a ideia de que a cidade latino-americana seria “artificial”. Escrito para uma reunião da *American Historical Association*, como comentário à mesa “Expansão urbana na América Latina durante o século 19”, Morse publica “La ciudad artificial” em 1957, defendendo a necessidade de uma história cultural urbana do sub-continente para dar conta de compreendê-lo em seus próprios termos, ou, em suas especificidades, e não como um desvio da “civilização ocidental”. Partia da ideia de uma “artificialidade” constitutiva, verificada no fato de que essa cidade se formara no vasto e desconhecido território americano à imagem e semelhança de uma distante burocracia metropolitana, funcionando como posto avançado para o assalto as riquezas do interior do continente. Com isso, apresentava o que ele chamou de paradoxo: na América, a cidade domina e modela o campo com seus pontos de vista, mas o papel de exploração territorial reintroduz nela traços rurais e pré-metropolitanos. De

¹¹Antes do doutorado, Morse faz um mestrado sobre o primeiro século paulista: São Paulo – the early years (1947).

¹² Caminho que talvez o levasse a escrever *O espelho de próspero*, já na década de 1980.

seu ponto de vista, isso impedia que se a estudasse apenas através de trabalhos científicos, demandando a incorporação de outras vozes, notadamente a dos literatos e dos artistas – mais aptos a “traduzi-la” por meio de suas obras (MORSE, 1957). Justamente a perspectiva que ele tomara para estudar São Paulo. O historiador apelava às fontes literárias porque elas lhe revelavam uma “verdade cultural que permite recortar a experiência da cidade latino-americana como algo original e diferente dos modelos europeus” (GORELIK, 2002, p. 43). Morse, valendo-se de uma análise interna das obras literárias, via os escritores latino-americanos como produto e produtores da cidade, para além dos “temas” das suas obras. E, como produtor e produto, esse literato expressava de maneira especial os conflitos dessa cidade – como ele mostrou a partir dos exemplos de Álvares de Azevedo ou Mario de Andrade mobilizados em seu livro – tornando-se porta de acesso privilegiado a ela. Convém lembrar que essas formulações nasciam justamente durante a constituição de um campo de preocupações sobre a cidade latino-americana que não se resumia a um debate historiográfico apenas, mas que tinha a ver com a construção de novas categorias de análise. Arturo Almandoz nos ajuda a compreender como tal campo se constituiu, em meio a organização de instituições, editoras e órgãos de planejamento, em muitos casos sob os auspícios dos norte-americanos:

a revisão histórica da cidade latino-americana, categoria que foi construída e delimitada entre os anos 1950 e 1960, pode ser vista como parte da agenda desenvolvimentista desdobrada pela Cepal e pela Unesco na região. Em consonância com uma disciplina que mudava sua defesa epistemológica do urbanismo para o planejamento, essa agenda foi escorada, em termos institucionais, pela constituição da Sociedad Interamericana de Planificación (Siap) e pelo Consejo Latino americano de Desarrollo Urbano y Regional. Patrocinadas ao mesmo tempo pelas fundações Ford e Rockefeller, Siap e Clacso publicaram várias [...] compilações que plasmaram, como *corpus* bibliográfico, a agenda histórica da cidade latino-americana requerida pelo desenvolvimentismo que se havia inaugurado com o segundo pós-guerra (ALMANDOZ, 2005, p.253).

Se essa agenda servia ao desenvolvimentismo – pensamento dominante na América Latina até o meio dos anos 1960 – vale perguntar como Morse discutiu com as teses em pauta nela nos textos escritos para a edição de 1970, sobretudo a nova Introdução e o capítulo inicial. Nessa Introdução, partindo de considerações feitas na edição em inglês de 1958¹³, Morse propunha que a história das cidades na América ibérica fosse examinada em dois grandes momentos. Um primeiro, ligado ao ciclo das fundações, a sua história colonial. Nesse período as cidades – invertendo o que defendera Henri

¹³ Publicada como *From community to metropolis* (MORSE, 1958).

Pirène para a formação das cidades na Europa –, teriam funcionado como “forças centrípeta” de povoamento do território. Para o historiador belga, como se sabe, as cidades foram fator de atração para a população do campo, polos de desenvolvimento de uma nova mentalidade urbana, onde então pôde nascer o capitalismo. Mas ele defendia que na América Ibérica o movimento havia sido distinto, propondo uma diferenciação entre a cidade medieval europeia “clássica” e as cidades da reconquista da Península Ibérica – para mostrar que as cidades, na América, provinham dessa última experiência. Para Morse, cada um dos novos núcleos urbanos fundados ali funcionava como um posto avançado de onde partia a população para ocupar o vasto continente, obedecendo a uma força centrífuga. Com isso, o interior se veria organizado sob uma ordem agrária que ao permanecer dominante durante os séculos marcou a visão de mundo daquela população, e o capitalismo, desse modo, teria que se instituir sobre essa base agrária. Mas havia um segundo tempo, iniciado a partir da urbanização do século 19, desde os primeiros fluxos imigratórios em fins daquele século, no qual as cidades teriam se organizado por meio de uma “força centrípeta”, ou seja, passavam a atrair contingentes populacionais. No século 20, em especial entre as décadas de 1940 e 1970, esse processo se acentuou enormemente, caracterizando a forma da urbanização latino-americana, vinculada à intensa migração interna. Entretanto, a migração não se dava apoiada num processo de industrialização (como verificado nas cidades europeias cem anos antes), antes por um imperativo urbano que tinha a ver com a imposição de uma nova mentalidade, o que gerava consequências importantes no espaço urbano. Esse o modo que Morse compreendeu os quatro séculos de ocupação da América, numa tentativa de síntese de uma larga e variada história. Na nova Introdução, o historiador afirmou sobre o segundo momento:

A segunda fase da história da América Latina é centrípeta, como se viu de maneira aguda a partir do decênio de 1940, com as migrações em massa das zonas rurais e a proliferação de favelas, *barriadas* e *villas miséria*. Mas o crescimento rápido de muitas cidades importantes da América Latina tem sido contínuo desde o fim do século 19, quer elas tenha ou não sido imãs para os imigrantes do além-mar como foi o caso de São Paulo ou Buenos Aires (MORSE, 1970,p.14).

Isso o levava a concluir que “qualquer tentativa de reconstrução da cidade latino-americana que se base[asse] nas associações secundárias, em detrimento dos grupos primários, pare[cesse] fadada a pouco êxito” (MORSE, 1970,p.19). Ou seja, se não se levasse em conta a história agrária pregressa, não se chegaria a uma sociedade urbana moderna no continente, invertendo completamente a perspectiva de Robert Redfi-

eld (e dos pensadores de Chicago em geral) ao defender a manutenção dos “valores primários” na própria modernização.

Essa formulação parece ter sido possível não apenas porque Morse adquirira mais consciência do processo de urbanização de São Paulo, confirmando intuições por meio de outros estudos que iam sendo feitos nestes anos entre as edições brasileiras, mas sobretudo pelo caminho inverso. Explico. Aquele seu primeiro trabalho, embora concentrado sobre a evolução urbana da capital paulista, abriu-lhe os olhos e o coração para a urbanização latino-americana, permitindo-lhe buscar na história de toda a região um padrão de urbanização para um imenso continente em vias de transformação no meio do século 20. Isso porque ele não viu São Paulo como “um fenômeno isolado como uma pedra numa praia arenosa”, mas sim em relação a uma região (MORSE, 1949, p.40). E essa região, em última instância, era a América Latina. Morse tomava parte no debate científico e profissional de longo alcance que era levado adiante, pelo menos desde a fundação da Escola Sociológica de Chicago, a partir de uma posição bastante particular, vendo no substrato cultural do continente a forma possível de compreensão das suas cidades, logo, das suas sociedades. Embora afirmasse em 1954 não querer “confirmar ou refutar hipóteses sociológicas” (p.14), foi isso que ele acabou por fazer em 1970, polemizando com os próprios planejadores latino-americanos com os quais estava também contribuindo para criar um campo de estudos urbanos nesses anos.

Já aquele seu primeiro esforço de entendimento da “cidade latino-americana” feito em 1957, em larga medida só havia sido possível pelas suas observações pioneiras sobre a São Paulo da década de 1940. Mas foi nas avaliações feitas nos anos 1960 que ele prestou contas do caminho que trilhou, ao revisar o próprio campo e discutir com “todas” as teorias que haviam aparecido desde os anos 1940. Parece difícil, portanto, alcançar a compreensão dos acréscimos da edição de 1970 sem examinar mais de perto algo dessa produção.

2. Outra modernidade: a cidade latino-americana em foco

Tomemos aqui especialmente o artigo “Recent Research on Latin American Urbanization: A Selective Survey with Commentary” (MORSE, 1965), escrito para a Conference on International and Comparative Urban Studies in American Higher Education, que teve lugar na Rutgers University, em New Jersey¹⁴. Nesse texto, Morse apresentava

¹⁴O texto era resultado da pesquisa que ele desenvolvera em Yale contando com diversos auxílios: uma Guggenheim Fellowship, financiamento do Social Science Research Council e ainda uma Senior Faculty-Fellowship da própria universidade. Cf. Serie III, Yale University, 1964-1977, RMM Papers, M&AL, YU.

um extenso e detalhado balanço da área dos estudos urbanos latino-americanos, propondo-se a fornecer um panorama sobre alguns aspectos da urbanização latino-americana, “intercalados com comentários e um pouco de opinião”. Iniciava pelos “Antecedentes” – justamente a fórmula que ele encontrara para introduzir a história de São Paulo para os americanos em 1958 –, dedicados à história colonial¹⁵. Falar de antecedentes lhe permitia flagrar na formação colonial tais imperativos de uma sociedade ibérica e católica que iniciava um processo de urbanização no Novo Mundo. Morse apresentaria os tipos de cidades existentes na Península ibérica (MORSE, 1965, p.37)¹⁶, listando aspectos que apareceriam em seguida para ver São Paulo em seu livro de 1970 sob um solo comum da urbanização colonial e, mais importante, concluiria que:

se a lógica de uma ordem mais antiga sobreviveu como princípio organizador nesse período de expansão demográfica e econômica, e de mais amplo contato com o mundo, bem se pode esperar que sobreviva ainda hoje em dia. Isso nos levaria para ver a cidade moderna da América Latina menos como uma sociedade urbana “em mudança” (ou seja, revolução, autotranscendência, obliteração do passado) que uma sociedade com os apetrechos e os clamores da civilização ocidental industrial se estão acomodando a uma ordem de vida ibero-católica, crioula, patrimonial (MORSE, 1965, p.41).

Indicava em seguida dois caminhos possíveis para se compreender a cidade latino-americana. Um, de repetição das etapas das cidades europeias – num certo sentido, a visão daqueles que viam os países da América Latina como subdesenvolvidos –, perspectiva corrente na década de 1950 e que começava a ser posta em xeque nos anos 1960¹⁷. E outro, que buscava ver na urbanização latino-americana um processo próprio, que demandaria esforços de entendimento também próprios. Mas, insisto, sem vê-lo como “desvio” à norma¹⁸. Morse parecia querer valorar os dois processos – o eu-

¹⁵Título do capítulo inicial introduzido na edição de 1958 e mantido na de 1970.

¹⁶Para Portugal, notava que as cidades fundadas na América obedeceram ao padrão agro-comercial das suas cidades marítimas. Retomava a clássica distinção entre os padrões físicos das cidades coloniais espanholas e portuguesas, comparando a *Plaza mayor* aos seus equivalentes possíveis, o *rossio* e o *largo*, para, a despeito de reconhecer certas diferenças, destacar justamente os traços comuns.

¹⁷Tratava-se dos desenvolvimentistas que pautavam as discussões da modernização latino-americana naqueles anos, notadamente a Cepal (Comissão Econômica para a América Latina), que previa um desenvolvimento baseado na substituição de importações, e mesmo a OEA (Organização dos Estados Americanos), ambas entidades patrocinadas pelas Nações Unidas a partir de 1948; e as críticas que começam a aparecer e que seriam posteriormente organizadas sob o nome de “Teoria da Dependência”, levadas adiante por intelectuais latino-americanos.

¹⁸ Pode-se pensar que a “Teoria da Dependência”, num certo sentido, foi uma resposta a essa mesma inquietação, mostrando que o desenvolvimento “dependente associado” era um entrave estrutural que colocava limitações ao projeto nacional-desenvolvimentista que se propunha autônomo e soberano. Só que aqueles intelectuais viam a urbanização “central” e “periférica” dentro do mesmo processo de modernização, partes desiguais e combinadas. Cf. CARDOSO e FALLETTO, 1970.

ropeu e norte-americano e o latino-americano – como duas linhas que tivessem partido de uma origem mais ou menos comum, da idade moderna europeia, que tendo seguido por dois caminhos paralelos (e não excludentes), chegaram a resultados distintos. Sem desconhecer o lugar “periférico” da América Latina, parecia buscar dar outro *status* a essa “periferia”:

Pode-se considerar o êxodo rural da América Latina e o crescimento urbano do século 20 como parte de um movimento que começou na Europa durante o século 19 e que já atingiu proporções globais. Ou, pode-se colocar o fenômeno em perspectiva histórico-cultural. O “centrifugalismo” urbano dos tempos coloniais tornou-se centrípeto. A cidade latino-americana agora colhe o que um dia semeou. Os padrões de assentamento rural que há muito tempo haviam sido criados, agora colocam seu selo no processo pelo qual milhões estão se movendo e se reagrupando em todas as partes do território (MORSE, 1965, p. 41).

Ao propor uma perspectiva histórico-cultural para compreender a urbanização da América Latina, Morse explicitava seu desejo de encontrar naquele território um *ethos* comunitário a presidir uma forma de desenvolvimento que poderia ser exemplo para o mundo ocidental. O autor havia encontrado esse “padrão latino-americano” a partir de seu estudo sobre São Paulo, ainda que a cidade não fosse em muitos sentidos “típica” – ele mesmo reconhecia – dentro da urbanização latino-americana (MORSE, 1965, p. 41). Mas por isso mesmo ele destacava aqui as características paulistas – que já haviam aparecido “diluídas” em seu texto de 1954 – que deveriam ser levadas em conta para entender o papel da cidade na contemporaneidade¹⁹. Tratava-se de conscientemente listá-las de modo a buscar mostrar um certo padrão de urbanização, defendendo que só a partir do seu reconhecimento e da compreensão de sua influência, ou relação com a sua região, a metrópole latino-americana poderia verdadeiramente se desenvolver.

¹⁹ Cito um exemplo: a respeito do item “atração de uma aristocracia rural para residências urbanas e a sua participação dela nas atividades comerciais e financeiras desenvolvidas ali” (MORSE, 1965), vemos como em 1954 ele havia dito: “Não se deve crer entretanto que estivesse surgindo uma estrita dicotomia entre uma burguesia da cidade e um patriciado rural, tal como aconteceu nos tempos coloniais entre os negociantes portugueses e os barões de açúcar no norte. Pois com as estradas de ferro, os fazendeiros de café, acostumados a morar nas suas propriedades ou nas cidades pequenas nas redondezas, podiam agora gozar de uma vida mais confortável e mais animada na capital, continuando em estreito contato com suas fazendas. Como moradores da cidade possuidores de riqueza, prestígio social e instrução de nível superior, muitos deles ingressaram em atividades econômicas urbanas – como diretores de estradas de ferro, pioneiros da indústria, banqueiros, etc. – ou em profissões com que estavam familiarizados desde os tempos de estudante, tais como as lides forenses, a política ou o jornalismo.” (MORSE, 1954, pp. 183-4).

Em seguida, deslocava o foco da análise da colônia para a década de 1950, apresentando dados da urbanização e os comparando com os da década seguinte, para indicar como os índices haviam aumentado na ordem de 55% no subcontinente, enquanto o crescimento da população rural havia sido de apenas 12%. Não havia dúvida que a América Latina se tornava urbana no meio do século 20 devido à migração campo-cidade, e as implicações desse fato eram fundamentais de serem debatidas por quem estivesse interessado em entender as cidades. Como o fluxo de pessoas em direção às grandes cidades não era compatível com as novas oportunidades de emprego urbano estável, especialmente o industrial, e como não haveria habitação social para absorver essa população, nem por iniciativa estatal nem por iniciativa privada, forçando esse contingente a construir sua própria casa; a cidade resultante era “deficiente no regime de organização impessoal”, na “associação voluntária” e nos “serviços administrativos”, temas requeridos como fundamentais a formação do *ethos* ocidental urbano (MORSE, 1965).

Mas diferentemente do que ocorrera cem anos antes na Europa, a urbanização – acelerada e concentrada – dava-se no subcontinente não pela atração de contingentes populacionais pelos empregos industriais, e sim baseada na expansão do setor de serviços²⁰, sem correspondência à uma base produtiva equivalente. Olhando para a América Latina, Morse podia finalmente reconhecer, a despeito da inegável industrialização paulista, que o êxodo rural não contribuía para minimizar a pobreza e o desemprego na metrópole, que a frágil industrialização não teria precedido mas antes seguido a urbanização, e que a substituição de importações não era o equivalente à revolução industrial dos países centrais. Era difícil não notar isso em 1965. Dez anos depois, intelectuais paulistas lançavam o importante estudo *São Paulo 1975. Crescimento e Pobreza*, que retomava essa discussão em ponto pequeno – reconhecendo os problemas daquela urbanização²¹. Ambos, Morse e os paulistas, discutiam com as teorias desenvolvimentistas que a essa altura já haviam provado sua falência. Aqueles, entretanto, de par com a teoria da dependência, “denunciavam” a lógica do sistema, ou, como eles a

²⁰Serviços subalternos e informais, que tinham como características principais a instabilidade, a irregularidade e a precariedade.

²¹ Livro editado pela Arquidiocese de São Paulo, a partir de pesquisa desenvolvida por intelectuais ligados ao Cebrap (entre eles, Fernando Henrique Cardoso, Paul Singer e Lúcio Kowarick) que vinham trabalhando com a questão urbana, ou ao menos com os efeitos da “urbanização acelerada”, e no qual justamente se buscava discutir (ou antes revelar) que os aspectos aparentemente irracionais do crescimento paulista visíveis naquele início da década de 1970 eram na verdade a contra-face da modernização periférica (VVAA, 1975).

denominaram uma vez, a “lógica da desordem”²². Morse, ao contrário, buscou ver potencialidades nele.

Para o norte-americano, era da reintrodução de padrões rurais no urbano que se podia esperar alguma reação. Se vários tipos de marginalidade eram visíveis naquelas cidades, geográfica, funcional, sociológica, econômica e psicológica (nem todos aplicáveis sempre), Morse afirmava que “não deixava inclusive de haver um lado irônico em falar ‘marginal’, frente ao alto potencial de acomodação à vida urbana que tais comunidades marginais exibem” (MORSE, 1965, p. 49). Ora, aqui se compreende melhor como os trabalhos de Oscar Lewis lhe pareceram mais interessantes, ou melhor, mais afinados que o de Redfield para pensar a América Latina, ao alertarem para que não se desprezasse a cultura rural na cidade. Morse mostrava que havia duas formas de compreender os “bairros marginais” – ou a “periferia” – que com seu “avanço sobre a cidade”, em poucos anos se tornaria o conceito mais utilizado na compreensão da urbanização latino-americana: ou que se tratavam de “cortiços, áreas arruinadas, cinturões de miséria, incubadores de doenças, crime, locais de desorganização social e de desordem da personalidade”; ou, vistos como “enclaves semi-rurais”, esses “bairros”

torna[ri]am possível *novas possibilidades para a reconstrução urbana social* com base nas unidades de vizinhança, nos laços regionais e de parentesco, nas associações de ajuda mútua e nas pequenas unidades de atividade política (MORSE, 1965, p. 51, grifo meu).

Quando em 1954, Morse destacara a experiência dos cortiços paulistas, ele intuía essa segunda hipótese, insistindo para a importância das relações sociais ali estabelecidas, como vimos, que portavam sentimentos comunitários então buscados nos países centrais. O que é curioso notar é que longe de combater esse romantismo inicial, Morse apoiou-se nele para continuar aprofundando uma aproximação original àquele continente, e que mais tarde daria a tônica das próprias intervenções²³.

O ponto-chave era a questão habitacional. Questão que nos anos 1950 e 1960 fora o foco das políticas estatais na América Latina e sobre a qual parecia ser necessário fazer um balanço crítico. Ainda que ao olhar para a América Latina em 1970, Morse reconhecesse que as “ocupações informais” eram particulares em cada país – *conventillo, vecindad, cortiço, callejon, callampa, favela, Villa miseria, rancho, barriadas, jacales*

²² “A lógica da desordem” é o título de um ensaio do livro, mais tarde republicado por Lúcio Kowarick (1980, pp. 29-68).

²³ Se pensarmos no Brasil, as experiências auto-gestionárias de habitação social a partir da redemocratização na década de 1980 são um caminho desse pensamento. Para São Paulo, cf. entre outros, ROLNIK, KOWARICK e SOMEK, 1989.

– sendo portanto difícil generalizar, ele insistia que duas perguntas deveriam ser feitas sempre, no momento em que se pensasse em intervenções: primeiro, “quando que a assistência técnica e social é mais eficiente e eficaz do que as soluções arquitetônicas que impliquem realocação maciça de famílias?”; e depois, “quando a realocação é aconselhável, como as lições das comunidades espontâneas podem ser disponibilizados para o planejamento físico e social?” (MORSE, 1965, pp. 52-3). Ambas, como se nota, insistindo na observação dos ensinamentos e das práticas próprias das *comunidades* – termo, aliás, que foi mudando de sentido, sendo cada vez mais identificado com bairros ou agrupamentos populares e ilegais dentro das cidades, e que também entraria na agenda das intervenções dali em diante.

O autor identificou naquele momento de transição a constituição de um caráter híbrido rural-urbano, que em breve se tornaria uma identidade fixa, dicotomizando a cidade e causando mutações nos padrões correntes da ação política, já que a periferia sempre crescia muito mais que o centro. Defendia “estudos heurísticos”, já que “debai-xo de um fermento quase universal de mudança, a sociedade latino-americana urbana ou rural parece manter sua estrutura corporativa e sua lógica patrimonial” (MORSE, 1965, p. 58), afirmando que se deveria *lidar* com essa “herança”, não desprezá-la, muito menos apagá-la. O motivo? Era justamente dela que se poderia esperar um caminho diferente para a modernidade.

Com esse e outros textos, o historiador participava do debate sobre o planejamento urbano das cidades latino-americanas, buscando construir, a partir das observações históricas, novas bases sociais de ação e novos parâmetros de entendimento para o fenômeno. Pode-se dizer então que a mudança de perspectiva que se operou nas duas edições brasileiras de seu livro tem a ver, em última instância, com o fato de Morse defender a necessidade de um “horizonte regional” para se pensar as cidades na América Latina. Sua ênfase foi em direção ao ajustamento interno da cidade, reconhecendo que a modernização tinha a ver com os movimentos centrípetos de população.

A cidade, para ele, colhia os frutos do que fora plantado anteriormente. E São Paulo, que em 1954 fora vista como exceção ao padrão latino-americano – ainda que ao longo do texto essa afirmação se matizasse –, em 1970, por conta dessa maior amplitude de perspectiva, passaria a ser vista como *a cidade* latino-americana. É evidente, de qualquer modo, que para ambas as operações – considerar São Paulo excepcional ou representante do padrão latino-americano – Morse teve que sublinhar certos aspectos da cidade e minimizar outros (opostos, em cada oportunidade).

Foi assim que se valendo de formulações sobre as cidades na América Latina ensaiadas nesses artigos publicados entre as duas edições Morse afirmou em 1970 que,

“sob vários aspectos, São Paulo é a cidade que ilustra de maneira mais dramática o que se chamou de estágio ‘centrípeto’ do desenvolvimento urbano da América Latina” (MORSE, 1970, p.19). Tratava-se de pensar em como lidar com a metrópole a partir daquele momento, de par com outros estudos sociais latino-americanos que discutiam os caminhos da dependência e as condições da sua transformação, numa discussão, portanto, sobre que forma de desenvolvimento se queria, demandando uma discussão maior dos rumos de desenvolvimento nacional – e mesmo continental. Junto às pesquisas de ciências sociais e urbanas, Morse protagonizava com seus estudos históricos a construção desse debate sobre a cidade latino-americana, contribuindo para legitimar o próprio campo.

O que é interessante notar é que nesse caminho entre as diversas edições, o autor inverteu a leitura do lugar de São Paulo sem propriamente alterar o conteúdo da obra. Revendo sua introdução e sua conclusão, após ter ampliado seu campo de preocupação para a urbanização da América Latina, Morse pôde perceber que aquela cidade – que a princípio lhe parecia uma exceção – falava de uma formação cultural maior. Que seu *ethos*, ibérico e católico, mas também moderno e industrial, falava de um continente. Portanto, que a observação desse fenômeno poderia garantir o entendimento do próprio continente. Nesse sentido, sua obra pode ser lida talvez como já se disse de outro autor, uma “peça exemplar do cruzamento de lealdades simultâneas” (ROCCA, 2008, p.18)²⁴. À América Latina como um espaço de eleição precoce, à hora em que se vive; à literatura como chave de compreensão do mundo social; à cidade como motor da modernidade. Foi isso que exigiu de Morse um estudo urbano que não se isolasse no seu próprio campo disciplinar (e em seguida em seu espaço geográfico), mas que fosse resultado da inter-relação entre todos aqueles interesses, tomados em conjunto. Talvez daí a sua potência – e permanência.

Referencias

- RICHARD MCGEE MORSE PAPERS**, Manuscripts & Archives Library, Yale University. Serie II. Organizations, 1959-1972; Serie III. Yale University, 1964-1977; Serie IV. Subject Files, 1963-1984. Citado como RMM Papers, M&AL, YU.
- MORSE, Richard (1947). **São Paulo – the early years**. Master of Arts in the Faculty of Political Science. Columbia University, New York, June, 1947.

²⁴Rocca refere-se a Ángel Rama, que não por acaso parece congregar com Morse algumas perspectivas acerca do lugar da América Latina.

- _____ (1949). O pesquisador social e o historiador moderno, **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, n. 113, pp.36-52.
- _____ (1952). **São Paulo City under the empire (1822-1889)**. Submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in Faculty of Political Sciences. Columbia University, New York.
- _____ (1954). **De comunidade à metrópole: a biografia de São Paulo**. São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1954.
- _____ (1957). La ciudad artificial. **Estudios Americanos**, Sevilla, v. XII, n. 67-68, abr.-mai, pp. 12-45.
- _____ (1958). **From community to metropolis: Biography of São Paulo**. Gainesville: Florida University Press.
- _____ (1965). Recent Research on Latin American Urbanization: A Selective Survey with Commentary. **Latin American Research Review**, v. 1, n. 1, Autumn, pp. 35-74.
- _____ (1970). **Formação histórica de São Paulo: De comunidade à metrópole**. São Paulo: Difel.

Referencias

- ALMANDOZ, Arturo (2005). "Mudanças políticas e institucionais para o planejamento latino-americano do segundo pós-guerra" (Trad. José Hupaya Espinoza). In: GOMES, Marco Aurélio Filgueira (org.), **Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo**. Salvador: Ed UFBA, pp.231-59.
- CARDOSO, Fernando Henrique e FALETTO, Enzo (1970). **Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica (1967)**, Rio de Janeiro: Zahar.
- GOODWIN, Paul; HAMILL, Hugh & STAVE, Bruce (1976). A Conversation with Richard M. Morse. **Journal of Urban History**, v. 2, n.3, mai, pp. 331-56.
- GORELIK, Adrián (2002). La "ciudad latinoamericana" como idea, In: GORELIK, Adrián e MYERS, Jorge, Richard Morse, las ciudades y las ideas. **Punto de Vista**, Buenos Aires, n. 73, ago., pp. 41-8.
- _____ (2005). A produção da "cidade latino-americana". **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 1, pp.111-33.
- _____ (2008). La aldea en la ciudad. Ecos urbanos de un debate antropológico. **Revista del Museo de Antropología**, Córdoba, Universidad Nacional de Córdoba, n. 1, 2008, out.
- KOWARIK, Lúcio (1980). **A espoliação urbana**, São Paulo: Paz e Terra.

- LEWIS, Oscar (1952).Urbanization without Breakdown: a Case Study, **The Scientific Monthly**, v. 75, n.1, pp. 31-41
- REDFIELD, Robert (1941).**The Folk Culture of Yucatan**. Chicago: The University of Chicago Press.
- _____ (1946).**Civilização e cultura de folk**: estudo de variações culturais em Yucatán (Trad. Asdrúbal Mendes Gonçalves). São Paulo: Martins, 1946.
- ROCCA, Pablo (org.) (2008)., **Literatura, Cultura e sociedade na América Latina**(Trad. Rômulo Monte Alto). Belo Horizonte/ São Paulo: Ed. UFMG/ Humanitas.
- ROLNIK, Raquel; KOWARICK, Lucio e SOMEK, Nádia (eds.) (1989).**São Paulo crise e mudança**. São Paulo: PMSP/Brasiliense.
- VVAA (1975).**São Paulo 1975 crescimento e pobreza**. Rio de Janeiro, São Paulo: Vozes.